

DESAFIOS PARA A HUMANIDADE E A MISSÃO DA IGREJA

INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO - JANEIRO

(PT) Pelos jovens, especialmente os da América Latina, para que, seguindo o exemplo de Maria, respondam ao chamamento do Senhor para comunicar ao mundo a alegria do Evangelho.

(BR) Pelos jovens, especialmente os da América Latina, para que, seguindo o exemplo de Maria, respondam ao chamado do Senhor para comunicar ao mundo a alegria do Evangelho.



2. *Maria!*

«Eu te chamei pelo teu nome» (*Is 43, 1*). O primeiro motivo para não temer é precisamente o facto de Deus nos chamar *pelo nome*. O anjo, mensageiro de Deus, chamou Maria pelo nome. Dar nomes é próprio de Deus. Na obra da criação, Ele chama à existência cada criatura com o seu nome. Por trás do nome, há uma identidade, aquilo que é único em cada coisa, em cada pessoa, aquela essência íntima que só Deus conhece profundamente. Depois, esta prerrogativa divina foi partilhada com o homem, a quem Deus concedeu dar um nome aos animais, às aves e até aos próprios filhos (cf. *Gn 2, 19-21; 4, 1*). Muitas culturas compartilham esta profunda visão bíblica, reconhecendo no nome a revelação do mistério mais profundo duma vida, o significado duma existência.

Quando chama pelo nome uma pessoa, Deus revela-lhe ao mesmo tempo a sua *vocação*, o seu projeto de santidade e de bem pelo qual essa pessoa será um dom para os outros e se tornará

única. E mesmo quando o Senhor quer ampliar os horizontes duma vida, decide dar à pessoa chamada um *novo nome*, como faz com Simão, chamando-o «Pedro». Daqui veio o uso de adotar um nome novo quando se entra numa Ordem Religiosa, para indicar uma nova identidade e uma nova missão. A chamada divina, enquanto pessoal e única, exige a coragem de nos desvincularmos da pressão homogeneizadora dos lugares-comuns, para que a nossa vida seja verdadeiramente um dom original e irrepetível para Deus, para a Igreja e para os outros.

Assim, queridos jovens, ser chamados pelo nome é um sinal da nossa grande dignidade aos olhos de Deus, da sua predileção por nós. E Deus chama cada um de vós pelo nome. Vós sois o «tu» de Deus, preciosos a seus olhos, dignos de estima e amados (cf. *Is*43, 4). Acolhei com alegria este diálogo que Deus vos propõe, este apelo que vos dirige, chamando-vos pelo nome.

4. *Coragem no presente*

Da certeza de que a graça de Deus está connosco, provém a força para ter coragem no presente: coragem para levar por diante aquilo que Deus nos pede aqui e agora, em cada âmbito da nossa vida; coragem para abraçar a vocação que Deus nos mostra; coragem para viver a nossa fé sem a esconder nem atenuar.

Sim, quando nos abrimos à graça de Deus, o impossível torna-se realidade. «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?» (*Rm* 8, 31). A graça de Deus toca o hoje da vossa vida, «agarra-vos» assim como sois, com todos os vossos medos e limites, mas revela também os planos maravilhosos do Senhor! Vós, jovens, precisais de sentir que alguém tem verdadeiramente confiança em vós: sabeis que o Papa confia em vós, que a Igreja confia em vós! E vós, confiai na Igreja!

À jovem Maria foi confiada uma tarefa importante, precisamente porque era jovem. Vós, jovens, tendes força, atravessais uma fase da vida em que certamente não faltam as energias. Usai essa força e essas energias para melhorar o mundo, começando pelas realidades mais próximas de vós. Desejo que, na Igreja, vos sejam confiadas responsabilidades importantes, que se tenha a coragem de vos deixar espaço; e vós, preparai-vos para assumir estas responsabilidades.

Convido-vos ainda a contemplar o amor de Maria: um amor solícito, dinâmico, concreto. Um amor cheio de audácia e todo projetado para o dom de Si mesma. Uma Igreja impregnada por estas qualidades marianas será sempre uma Igreja em saída, que ultrapassa os seus limites e confins para fazer transbordar a graça recebida. Se nos deixarmos contagiar pelo exemplo de Maria, viveremos concretamente aquela caridade que nos impele a amar a Deus acima de tudo e de nós mesmos, a amar as pessoas com quem partilhamos a vida diária. E amaremos inclusive quem nos poderia parecer, por si mesmo, pouco amável. É um amor que se torna serviço e dedicação, sobretudo pelos mais fracos e os mais pobres, que transforma os nossos rostos e nos enche de alegria.

Gostaria de concluir com as encantadoras palavras pronunciadas por São Bernardo numa famosa homilia sobre o mistério da Anunciação, palavras que manifestam a expectativa de toda a humanidade pela resposta de Maria: «Ouviste, ó Virgem, que conceberás e darás à luz um filho; ouviste que isso não será por obra de varão, mas por obra do Espírito Santo. O anjo aguarda a resposta; também nós, Senhora, esperamos a tua palavra de misericórdia. A tua breve resposta pode renovar-nos e restituir-nos à vida. Todo o mundo, prostrado a teus pés, espera a tua resposta. Dá depressa, ó Virgem, a tua resposta» (*Hom.* 4, 8-9: *Opera omnia*, Edit. Cisterc. 4 (1966), 53-54).

Queridos jovens, o Senhor, a Igreja, o mundo esperam também a vossa resposta à vocação única que cada um tem nesta vida! À medida que se aproxima a MJM do Panamá, convido-vos a preparar-vos para este nosso encontro com a alegria e o entusiasmo de quem deseja fazer parte duma grande aventura. A MJM é para os corajosos! Não para jovens que procuram apenas a comodidade, recuando à vista das dificuldades. Aceitais o desafio?

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DO BEATO JOSÉ VAZ - HOMILIA
PAPA FRANCISCO
14 de Janeiro de 2015

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20180211_messaggio-giovani_2018.html

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana

Outros textos:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180117_cile-maipu-giovani.html

INTENÇÃO UNIVERSAL – FEVEREIRO

Pelo acolhimento generoso das vítimas do tráfico de pessoas, da prostituição forçada e da violência.



Certamente acerca do tema do tráfico há muita ignorância. Mas por vezes parece que há também pouca vontade de compreender a vastidão do problema. Porquê? Porque toca de perto as nossas consciências, porque é escabroso, porque nos faz envergonhar. Depois há quem, mesmo conhecendo-o, não quer falar dele porque está no final da “cadeia do consumo”, como utilizador dos “serviços” que são oferecidos pelas estradas ou na Internet. Por fim, há quem não quer que se fale dele, porque está diretamente envolvido nas organizações criminosas que lucram muito com o tráfico. Sim, é necessária coragem e honestidade, «quando no dia a dia encontramos ou lidamos com pessoas que poderiam ser vítimas do tráfico de seres humanos, ou quando devemos escolher se comprar produtos que poderiam ter sido realizados através da exploração de outras pessoas».[1]

O trabalho de sensibilização deve começar em casa, por nós mesmos, porque só assim seremos capazes, em seguida, de consciencializar as nossas comunidades, estimulando-as a comprometerem-se para que jamais ser humano algum seja vítima do tráfico.

Para os jovens esta tarefa parece mais fácil, dado que são menos estruturados no pensamento, menos ofuscados pelos preconceitos, mais livres de raciocinar com a própria cabeça. A voz dos jovens, mais entusiasta e espontânea, pode quebrar o silêncio para denunciar as abominações do tráfico e propor soluções concretas. Adultos que estejam prontos a ouvir podem ser de grande ajuda.

Por meu lado, como deveis ter notado, nunca perdi ocasião alguma para denunciar abertamente o tráfico como um crime contra a humanidade. É «uma verdadeira forma de escravidão — cada vez mais espalhada, infelizmente — que tem a ver com todos os países, mesmo os mais desenvolvidos, e que atinge as pessoas mais vulneráveis da sociedade: as mulheres e as jovens, os meninos e as

meninas, os deficientes, os mais pobres, quem provém de situações de desagregação familiar e social».[2]

Disse também que se «requer uma assunção comum de responsabilidade e uma vontade política mais decidida. Responsabilidade por quantos caíram vítimas do tráfico a fim de tutelar os seus direitos, garantir a incolumidade deles e dos seus familiares, impedir que os corruptos e os criminosos fujam à justiça e tenham a última palavra sobre as pessoas».[3]

Os jovens possuem uma posição privilegiada para encontrar os sobreviventes ao tráfico de seres humanos. Ide às vossas paróquias, a uma associação perto de casa, encontrai-vos com as pessoas, ouvi-as. Disso crescerão uma resposta e um compromisso concretos da vossa parte. Com efeito, vejo o risco de que isto se torne um problema abstrato, mas não é abstrato. Há sinais que podeis aprender a “ler”, que vos dizem: aqui poderia estar uma vítima do tráfico, um escravo. Precisamos de promover a cultura do encontro que tem, sempre em si uma riqueza inesperada e grandes surpresas. São Paulo dá-nos um exemplo: em Cristo, o escravo Onésimo deixa de ser escravo, para se tornar um irmão caríssimo (cf. *Filémon*, 1, 16).

Vós, jovens, podeis encontrar a esperança em Cristo, e podeis encontrá-lo até nas pessoas migrantes, que fugiram de casa, e permanecem presas nas redes. Não tenhais medo de vos encontrardes com elas. Abri o vosso coração, deixai-as entrar, estai dispostos a mudar. O encontro leva naturalmente a uma mudança, mas não devemos ter receio desta mudança. Será sempre para melhor. Recordai-vos das palavras do profeta Isaías: «Alarga a tua tenda» (cf. 54, 2).

A Igreja deve promover e criar espaços de encontro, por este motivo pedi para abrir as paróquias ao acolhimento. É necessário reconhecer o grande engajamento em resposta ao meu apelo, obrigado! Peço a vós, hoje aqui presentes, que trabalheis a favor da abertura ao outro, sobretudo quando está ferido na própria dignidade. Fazei-vos promotores de iniciativas que as vossas paróquias possam acolher. Ajudai a Igreja a criar espaços de partilha de experiências e integração de fé e de vida.

Também os *social network* representam, sobretudo para os jovens, uma oportunidade de encontro que pode parecer ilimitada: internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos, e este é um aspeto bom, é um dom de Deus. Todavia, para cada instrumento que nos é oferecido, é fundamental a escolha que o homem decide fazer dele. O ambiente comunicativo pode ajudar-nos a crescer ou, ao contrário, a desorientar-nos. Não se deve subestimar os riscos ínsitos em alguns destes espaços virtuais; através da rede, muitos jovens são seduzidos e arrastados para uma escravidão da qual depois, não se conseguem libertar sozinhos. Neste âmbito os adultos, pais e educadores — também os irmãos e primos mais velhos — estão chamados à tarefa de vigiar e proteger os jovens. Vós deveis fazer o mesmo com os vossos parentes e companheiros, entender e indicar vulnerabilidades particulares, casos suspeitos que devem ser esclarecidos.

Por conseguinte, usai a rede para partilhar uma narração positiva das vossas experiências de encontro com os nossos irmãos no mundo, contai e partilhai as boas práticas e desencadeai um círculo virtuoso.

DISCURSO AOS PARTICIPANTES NO «IV DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO
E REFLEXÃO CONTRA O TRÁFICO DE SERES HUMANOS»

Francisco

12 de fevereiro de 2018

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/february/documents/papa-francesco_20180212_contro-tratta.html

© Copyright 2018 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO – MARÇO

Pelas comunidades cristãs, em particular as que são perseguidas, para que sintam a proximidade de Cristo e para que os seus direitos sejam reconhecidos.



[...] Este encontro oferece-me a oportunidade de exprimir de novo a minha proximidade a todos os que sofrem pelos conflitos que há décadas afligem a Terra Santa. A incerteza da situação e a incompreensão entre as partes continuam a causar insegurança, limitação de direitos fundamentais e o abandono da própria terra por parte de muitos. Portanto, invoco a ajuda de Deus e peço a todos os indivíduos interessados que multipliquem os esforços a fim de que se realizem as condições de uma paz estável, baseada na justiça e no reconhecimento dos direitos de todos. Para tal finalidade, é preciso rejeitar com firmeza o recurso a qualquer tipo de violência, a todos os géneros de discriminação e a todas as manifestações de intolerância contra pessoas e lugares de culto judeus, cristãos e muçulmanos. A Cidade Santa, cujo *Status Quo* deve ser defendido e preservado, deveria ser um lugar no qual todos possam conviver pacificamente: caso contrário, continuará para todos e sem fim a espiral do sofrimento.

Gostaria de transmitir um pensamento especial a todos os membros das várias comunidades cristãs da Terra Santa, desejando que sejam sempre reconhecidos como parte integrante da sociedade e que, como cidadãos e crentes de pleno direito, ofereçam sem nunca se cansarem o próprio contributo para o bem comum e para a construção da paz, comprometendo-se a ser artífices de reconciliação e de concórdia. Tal contributo será mais eficaz na medida em que se realizar uma sintonia cada vez maior entre as diversas Igrejas da região. Seria particularmente importante uma colaboração crescente para o apoio das famílias e dos jovens cristãos, a fim de que não se encontrem em condições de ter que deixar a própria terra. Trabalhando juntos neste delicado âmbito, os fiéis de várias confissões poderão inclusive conhecerem-se melhor e estabelecerem relações cada vez mais fraternas.

Neste sentido, em obediência à oração aflita de Jesus pelos seus no Cenáculo: «Para que todos sejam um e o mundo creia» (Jo 17, 21), gostaria de reafirmar o desejo sincero e todo o esforço

para progredir no caminho rumo à plena unidade entre nós. Sei bem que algumas feridas do passado continuam a deixar marcas na memória de muitos. Não é possível mudar a história mas sem esquecer as faltas de caridade graves cometidas durante os séculos, dirijamos juntos o olhar para um futuro de reconciliação plena e de comunhão fraterna, e trabalhemos agora, como o Senhor deseja. Não fazer isto seria a culpa mais grave de hoje, seria recusar o convite urgente de Cristo e os sinais dos tempos, que o Espírito semeia no caminho da Igreja. Animados pelo mesmo Espírito, não deixemos que as recordações de épocas caracterizadas pelo silêncio recíproco ou por trocas mútuas de acusações, as dificuldades do presente e a incerteza do futuro nos impeçam de caminhar juntos rumo à unidade visível, de rezar em comum e de trabalhar juntos pelo anúncio do Evangelho e a serviço de quem se encontra em necessidade. Até o diálogo teológico entre católicos e ortodoxos, que prossegue e no qual o Patriarcado greco-ortodoxo de Jerusalém participa de maneira ativa e construtiva, neste sentido é um sinal de esperança, que nos conforta ao longo do caminho. Como seria bom dizer dos católicos e dos ortodoxos que vivem em Jerusalém o que o evangelista Lucas disse da primeira comunidade cristã: «Todos os crentes viviam juntos [...] um só coração e uma só alma» (At 2, 44; 4, 32).

Beatitude, agradeço-lhe de coração a sua visita e dos distintos membros do seu séquito. Desejo reafirmar a minha proximidade aos irmãos cristãos da Terra Santa e o meu afeto pelos amigos das outras grandes religiões presentes na região, esperando e rezando a fim de que chegue logo para todos o dia de uma paz estável e duradoura. «Saudai assim Jerusalém: "prosperem os que te amam" [...]. Por amor dos meus irmãos e dos meus amigos exclamarei: "A paz esteja contigo!"» (S/ 122, 6-8).

DISCURSO A SUA BEATITUDE TEÓFILO III,
PATRIARCA GRECO-ORTODOXO DE JERUSALÉM
E SUA COMITIVA
Francisco
23 de outubro de 2017

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171023_patriarca-theophilos-iii.html

INTENÇÃO UNIVERSAL – ABRIL

(PT) Pelos médicos e pelo pessoal humanitário presentes em zonas de guerra, que arriscam a própria vida para salvar a dos outros.

(BR) Pelos médicos e pelas equipes humanitárias presentes em zonas de guerra, que arriscam a própria vida para salvar a dos outros.



[...] De facto, não obstante a louvável tentativa, através da codificação do direito humanitário, de reduzir as consequências negativas das hostilidades sobre a população civil, frequentemente de diversos teatros de guerra, chegam testemunhos de crimes atrozes, de verdadeiros ultrajes às pessoas e à sua dignidade, cometidos com desprezo a qualquer consideração elementar de humanidade. Imagens de pessoas sem vida, de corpos mutilados ou decapitados, dos nossos irmãos e irmãs torturados, crucificados, queimados vivos, ofendidos até nos seus restos mortais, interpelam a consciência da humanidade. Por outro lado, prosseguem as notícias de antigas cidades, com o seus tesouros culturais milenares, reduzidas a cúmulo de destroços, de hospitais e escolas tornados objetos de ataques deliberados e destruidores, privando assim inteiras gerações do seu direito à vida, à saúde e à educação. Quantas igrejas e outros lugares de culto são objetos de agressões miradas, muitas vezes precisamente durante as celebrações litúrgicas, com numerosas vítimas entre os fiéis e os ministros reunidos em oração, violando o direito fundamental à liberdade religiosa! Infelizmente, às vezes a difusão destas informações pode provocar uma certa saturação que anestesia e, de algum modo, relativiza a gravidade dos problemas, resultando mais difícil sentir compaixão e abrir a própria consciência no sentido solidário.[3] Para que isto aconteça, é necessária uma conversão dos corações, uma abertura a Deus e ao próximo, que impulse as pessoas a superar as diferenças e a viver a solidariedade, como virtude moral e comportamento social, da qual pode brotar um engajamento a favor da humanidade sofrida.[4]

Mas ao mesmo tempo, é encorajador ver as numerosas demonstrações de solidariedade e de caridade que não faltam em tempo de guerra. Há muitas pessoas, grupos caritativos e organizações não-governamentais, dentro e fora da Igreja, cujos membros enfrentam dificuldades e perigos para curar os feridos e os doentes, para sepultar os mortos, [5] para levar de comer aos famintos e de beber aos sedentos, para visitar os presos. Deveras o socorro às populações vítimas dos conflitos engloba diversas obras de misericórdia, sobre as quais seremos julgados no final da vida. Possam as organizações humanitárias agir sempre em conformidade com os princípios fundamentais de humanidade, imparcialidade, neutralidade e independência. Por conseguinte, faço votos a fim de que tais princípios, que constituem o coração do direito humanitário, possam ser *acolhidas nas consciências* dos combatentes e dos agentes humanitários para ser *traduzidos em prática*. [6] E onde o direito humanitário conhece hesitações e omissões, saiba a consciência individual reconhecer o dever moral de respeitar e proteger a dignidade da pessoa humana em todas as circunstâncias, especialmente nas situações em que ela é mais fortemente ameaçada. Para que isto seja possível gostaria de recordar a *importância da oração* e de garantir, ao lado da formação técnica e jurídica, o acompanhamento espiritual dos combatentes e dos agentes humanitários.

Queridos irmãos e irmãs, a todos — e entre estes sois muitos — que puseram em perigo a própria vida para salvar outra ou aliviar os sofrimentos das populações atingidas por conflitos armados, dirijo as palavras de Jesus no Evangelho de Mateus: «Tudo o que fizeres a um só destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25, 40). Confio-vos à intercessão de Maria Santíssima, Rainha da Paz, e enquanto vos peço por favor que rezeis também por mim, de coração concedo a bênção apostólica a vós e às vossas famílias. Obrigado.

DISCURSO AOS PARTICIPANTES NA CONFERÊNCIA
SOBRE O DIREITO INTERNACIONAL HUMANITÁRIO

Francisco

28 de outubro de 2017

Consulte a mensagem completa:

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171028_diritto-internazionale-umanitario.html

INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO – MAIO

(PT) Para que, através do empenho dos próprios membros, a Igreja em África seja fermento de unidade entre os povos, sinal de esperança para este continente.

(BR) Para que, por meio do empenho dos próprios membros, a Igreja na África seja fermento de unidade entre os povos e sinal de esperança para este continente.



[...] Muitas vezes caímos na tentação de pensar que o leigo comprometido é aquele que trabalha nas obras da Igreja e/ou nas realidades da paróquia ou da diocese, e refletimos pouco sobre o modo como acompanhar um batizado na sua vida pública e quotidiana; sobre como, na sua atividade diária, com as responsabilidades que tem, se compromete como cristão na vida pública. Sem nos darmos conta disso, gerámos uma elite laical acreditando que só são leigos comprometidos os que trabalham nas realidades «dos sacerdotes», e esquecemos, descuidando-o, o crente que muitas vezes queima a sua esperança na luta quotidiana para viver a fé. São estas as situações que o clericalismo não pode ver, porque está mais preocupado em dominar espaços do que em gerar processos. Portanto, devemos reconhecer que o leigo para a sua realidade, a sua identidade, por estar imerso no coração da vida social, pública e política, por ser partícipe de formas culturais que se geram constantemente, precisa de novas formas de organização e de celebração da fé. Os ritmos atuais são muito diversos (não digo melhores nem piores) dos que vivíamos há trinta anos! «Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas» (*Evangelii gaudium*, 73). É ilógico e até impossível, pensar que como pastores deveríamos ter um monopólio das soluções para os múltiplos desafios que a vida contemporânea nos apresenta. Pelo contrário, devemos estar do lado do nosso povo, acompanhando-o nas suas buscas e estimulando a imaginação capaz de responder à problemática

atual. Discernindo com o nosso povo e nunca para o nosso povo nem sem o nosso povo. Como diria santo Inácio, «segundo as necessidades de lugares, tempos e pessoas». Isto é, não uniformizando. Não se podem dar diretrizes gerais para organizar o povo de Deus no âmbito da sua vida pública. A inculturação é um processo que nós pastores somos chamados a estimular, encorajando o povo a viver a própria fé onde está e com quem está. A inculturação é aprender a descobrir como uma determinada porção do povo de hoje, no aqui e agora da história, vive, celebra e anuncia a própria fé. Com uma identidade particular e com base nos problemas que deve enfrentar, assim como com todos os motivos que tem para se alegrar. A inculturação é um trabalho artesanal e não uma fábrica para a produção em série de processos que se dedicariam a «fabricar mundos ou espaços cristãos».

No nosso povo é-nos solicitado que conservemos duas memórias. A de Jesus Cristo e a dos nossos antepassados. Recebemos a fé, ela foi um dom que nos veio em muitos casos pelas mãos das nossas mães, das nossas avós. Elas foram a memória viva de Jesus Cristo dentro das nossas casas. Foi no silêncio da vida familiar que a maior parte de nós aprendeu a rezar, a amar, a viver a fé. Foi na vida familiar que depois assumiu a forma de paróquia, de escola e de comunidade, que a fé entrou na nossa vida e se fez carne. Foi esta fé simples que nos acompanhou muitas vezes nas diversas vicissitudes do caminho. Perder a memória significa erradicar-nos do lugar de onde viemos e por conseguinte, não saber nem para onde ir. Isto é fundamental, quando erradicamos um leigo da sua fé, daquela das suas origens; quando o erradicamos do Santo Povo fiel de Deus, erradicamo-lo da sua identidade batismal e assim privamo-lo da graça do Espírito Santo. O mesmo acontece connosco quando nos erradicamos como pastores do nosso povo, perdemo-nos. O nosso papel, a nossa alegria, a alegria do pastor, consiste precisamente em ajudar e estimular, como fizeram muitos antes de nós — mães, avós e sacerdotes — verdadeiros protagonistas da história. Não por uma nossa concessão de boa vontade mas por direito e estatuto próprio. Os leigos são parte do Santo Povo fiel de Deus e portanto os protagonistas da Igreja e do mundo; somos chamados a servi-los, não a servir-nos deles. [...]

DISCURSO AOS BISPOS DA
CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE CAMARÕES
EM VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"
Francisco
6 de Setembro de 2014

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140906_ad-limina-camerun.html

© Copyright 2016 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO UNIVERSAL – JUNHO

(PT) Pelos sacerdotes, para que, com a sobriedade e humildade da sua vida, se empenhem numa solidariedade ativa para com os mais pobres.

(BR) Pelos sacerdotes, para que, com a simplicidade e a humildade de suas vidas, se empenhem numa solidariedade ativa para com os mais pobres.



2. «Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o» (Sl 34/33, 7). A Igreja compreendeu, desde sempre, a importância de tal invocação. Possuímos um grande testemunho já nas primeiras páginas do Atos dos Apóstolos, quando Pedro pede para se escolher sete homens «cheios do Espírito e de sabedoria» (6, 3), que assumam o serviço de assistência aos pobres. Este é, sem dúvida, um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço aos mais pobres. Tudo isto foi possível, por ela ter compreendido que a vida dos discípulos de Jesus se devia exprimir numa fraternidade e numa solidariedade tais, que correspondesse ao ensinamento principal do Mestre que tinha proclamado os pobres *bem-aventurados* e *herdeiros* do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3).

«Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45). Esta frase mostra, com clareza, como estava viva nos primeiros cristãos tal preocupação. O evangelista Lucas – o autor sagrado que deu mais espaço à misericórdia do que qualquer outro – não está a fazer retórica, quando descreve a prática da partilha na primeira comunidade. Antes pelo contrário, com a sua narração, pretende falar aos fiéis de todas as gerações (e, por conseguinte, também à nossa), procurando sustentá-los no seu testemunho e incentivá-los à ação concreta a favor dos mais necessitados. E o mesmo ensinamento é dado, com igual convicção, pelo apóstolo Tiago, usando expressões fortes e incisivas na sua Carta: «Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres segundo o mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que O amam? Mas vós desonrais o pobre. Porventura não

são os ricos que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? (...) De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: "Ide em paz, tratai de vos aquecer e matar a fome", mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta» (2, 5-6.14-17).

3. Contudo, houve momentos em que os cristãos não escutaram profundamente este apelo, deixando-se contagiar pela mentalidade mundana. Mas o Espírito Santo não deixou de os chamar a manterem o olhar fixo no essencial. Com efeito, fez surgir homens e mulheres que, de vários modos, ofereceram a sua vida ao serviço dos pobres. Nestes dois mil anos, quantas páginas de história foram escritas por cristãos que, com toda a simplicidade e humildade, serviram os seus irmãos mais pobres, animados por uma generosa fantasia da caridade!

Dentre todos, destaca-se o exemplo de Francisco de Assis, que foi seguido por tantos outros homens e mulheres santos, ao longo dos séculos. Não se contentou com *abraçar* e dar *esmola* aos leprosos, mas decidiu ir a Gúbio para *estar* junto com eles. Ele mesmo identificou neste encontro a viragem da sua conversão: «Quando estava nos meus pecados, parecia-me deveras insuportável ver os leprosos. E o próprio Senhor levou-me para o meio deles e usei de misericórdia para com eles. E, ao afastar-me deles, aquilo que antes me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo» (*Test 1-3: FF110*). Este testemunho mostra a força transformadora da caridade e o estilo de vida dos cristãos.

Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro *encontro* com os pobres e dar lugar a uma *partilha* que se torne estilo de vida. Na verdade, a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica. E deste modo de viver derivam alegria e serenidade de espírito, porque se toca com as mãos a *carne de Cristo*. Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis. Continuam a ressoar de grande atualidade estas palavras do santo bispo Crisóstomo: «Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no tempo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez» (*Hom. in Matthaem, 50, 3: PG 58*).

Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma.

6. No termo do Jubileu da Misericórdia, quis oferecer à Igreja o *Dia Mundial dos Pobres*, para que as comunidades cristãs se tornem, em todo o mundo, cada vez mais e melhor sinal concreto da caridade de Cristo pelos últimos e os mais carenciados. Quero que, aos outros Dias Mundiais instituídos pelos meus Predecessores e sendo já tradição na vida das nossas comunidades, se acrescente este, que completa o conjunto de tais Dias com um elemento requintadamente evangélico, isto é, a predileção de Jesus pelos pobres.

Convido a Igreja inteira e os homens e mulheres de boa vontade a fixar o olhar, neste dia, em todos aqueles que estendem as suas mãos invocando ajuda e pedindo a nossa solidariedade. São nossos irmãos e irmãs, criados e amados pelo único Pai celeste. Este *Dia* pretende estimular, em primeiro

lugar, os crentes, para que reajam à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro. Ao mesmo tempo, o convite é dirigido a todos, independentemente da sua pertença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Deus criou o céu e a terra para todos; foram os homens que, infelizmente, ergueram fronteiras, muros e recintos, traindo o dom originário destinado à humanidade sem qualquer exclusão.

MENSAGEM PARA O I DIA MUNDIAL DOS POBRES

Francisco

19 DE NOVEMBRO DE 2017

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html

© Copyright 2017 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO – JULHO

(PT) Para que todos aqueles que administram a justiça operem com integridade e para que a injustiça que atravessa o mundo não tenha a última palavra.

(BR) Para que todos aqueles que administram a justiça atuem com integridade e para que a injustiça que perpassa o mundo não tenha a última palavra.



Peço aos juízes que realizem a própria vocação e missão essencial: estabelecer a justiça sem a qual não há ordem, desenvolvimento sustentável e integral nem paz social. Sem dúvida, um dos maiores males sociais do mundo moderno é a corrupção a todos os níveis, que debilita qualquer governo, enfraquece a democracia participativa e a atividade da justiça. A vós juízes cabe fazer justiça, e peço-vos uma atenção especial ao fazer justiça no âmbito do comércio e do tráfico de pessoas e, face a isto e ao crime organizado, peço-vos para não cairdes na teia de aranha das corrupções.

Quando dizemos «fazer justiça», como bem sabeis, não pretendemos que se deva procurar o castigo por si só, mas que, quando forem cominadas as penas, estas sejam aplicadas para a reeducação dos responsáveis, de tal modo que se lhes possa dar uma esperança de reinserção na sociedade. Ou seja, não existe pena válida sem esperança. Uma pena fechada em si mesma, que não dá lugar à esperança é uma tortura, não é uma pena. Baseio-me nisto também para confirmar seriamente a posição da Igreja contra a pena de morte. Certamente, dizia-me um teólogo que na conceção da teologia medieval e pós-medieval a pena de morte continha a esperança: «confiamo-los a Deus». Mas os tempos mudaram e já não é assim. Deixemos que seja Deus a escolher o momento... A esperança da reinserção na sociedade: «Nem sequer o homicida perde a sua dignidade pessoal e o próprio Deus Se constitui seu garante» (São João Paulo II, *Evangelium vitae*, 9). E se esta delicada conjunção entre justiça e misericórdia — que no fundo é preparar para uma reinserção — válida

para os responsáveis pelos crimes contra a humanidade como por qualquer outro ser humano, a fortiori, sobretudo para as vítimas que, como indica o próprio nome, são mais passivas que ativas no exercício da sua liberdade, tendo caído na armadilha dos novos caçadores de escravos. Vítimas muitas vezes traídas no mais íntimo e sagrado da sua pessoa, isto é no amor que aspiram dar e receber, e que as suas famílias lhes devem ou lhes foi prometido por pretendentes ou maridos, os quais ao contrário acabam por as vender no mercado do trabalho forçado, da prostituição ou do tráfico de órgãos.

[...]

Vós sois chamados a dar esperança no fazer justiça. Desde a viúva que insistentemente pede justiça (cf. Lc 18, 1-8) até às vítimas de hoje, todas alimentam um anseio de justiça, como esperança que a injustiça que atravessa este mundo não seja a última realidade, não tenha a última palavra.

MEDITAÇÕES MATUTINAS

Francisco

18 de outubro de 2016

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160603_summit-giudici.html

© Copyright 2016 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO UNIVERSAL – AGOSTO

(PT) Para que as famílias, graças a uma vida de oração e de amor, se tornem cada vez mais “laboratórios de humanização”.

(BR) Para que as famílias, graças a uma vida de oração e de amor, tornem-se cada vez mais “laboratórios de humanização”.



A família é a relação interpessoal por excelência, pois é uma comunhão de pessoas. Conjugalidade, paternidade, maternidade, filiação e fraternidade tornam possível que cada pessoa seja introduzida na família humana. O modo de viver estas relações é ditado pela comunhão, motor da verdadeira humanização e da evangelização. Por isso, hoje mais do que nunca, vê-se que é necessária uma cultura do encontro, na qual se valorize a unidade na diferença, na reciprocidade e na solidariedade entre as gerações. Este “capital familiar” é chamado a impregnar as relações económicas, sociais e políticas do Continente europeu. O estilo familiar que vos propondes difundir não está sujeito a qualquer ideologia contingente, mas fundamenta-se na dignidade inviolável da pessoa. E é com base nesta dignidade que a Europa poderá ser realmente uma família de povos (cf. *Discurso no Parlamento europeu*, Estrasburgo, 25 de novembro de 2014).

Na Europa surgem crises de diferentes tipos, inclusive na instituição familiar. Mas as crises são um estímulo para trabalhar mais e melhor, com confiança e esperança.

Conheço as vossas iniciativas para promover políticas concretas a favor da família nos campos da economia e do trabalho, mas não só, que visam a busca de um emprego digno e adequado para todos, especialmente para os jovens que, em muitas regiões da Europa, sofrem devido ao flagelo do desemprego. Nestas iniciativas, assim como noutras que se referem diretamente ao campo

legislativo, deve predominar sempre a atenção ao respeito e à dignidade de cada pessoa. Neste sentido, na cultura do encontro há sempre uma atitude de diálogo em que a escuta é continuamente necessária. O vosso diálogo esteja sempre assente em factos, testemunhos, experiências e estilos de vida que falem melhor do que os vossos discursos e iniciativas. Isto é imprescindível para o papel de primeiro plano a o qual o meu predecessor São João Paulo ii chamava as famílias (cf. *Familiaris consortio*, 44).

Neste momento a Europa atravessa principalmente quatro crises: da demografia — “o inverno demográfico” — da migração, do trabalho e da educação. Estas crises poderiam achar horizontes positivos exatamente na cultura do encontro, onde diferentes agentes sociais, económicos e políticos se unem para definir políticas a favor da família. Neste quatro campos já vos esforçais em vista de propor respostas à medida da família, vendo nela um recurso e uma aliada para a pessoa e para o seu ambiente. Neste sentido, a vossa tarefa consistirá muitas vezes em suscitar um diálogo construtivo com os vários protagonistas do cenário social, sem esconder a vossa identidade cristã; ao contrário, esta identidade levar-vos-á a ver sempre além da aparência e do instante. Como justamente evidenciastes, a cultura do instante exige uma educação para o amanhã.

Para desempenhar esta tarefa exigente, a família não pode permanecer isolada como uma mónade, mas tem necessidade de sair de si mesma, deve dialogar e encontrar-se com os outros para dar vida a uma unidade que não seja uniformidade e que gere progresso e bem comum.

DISCURSO AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO PROMOVIDO
PELA FEDERAÇÃO EUROPEIA
DAS ASSOCIAÇÕES FAMILIARES CATÓLICAS (FAFCE)
Francisco
1° de junho de 2017

Consulte a mensagem completa:

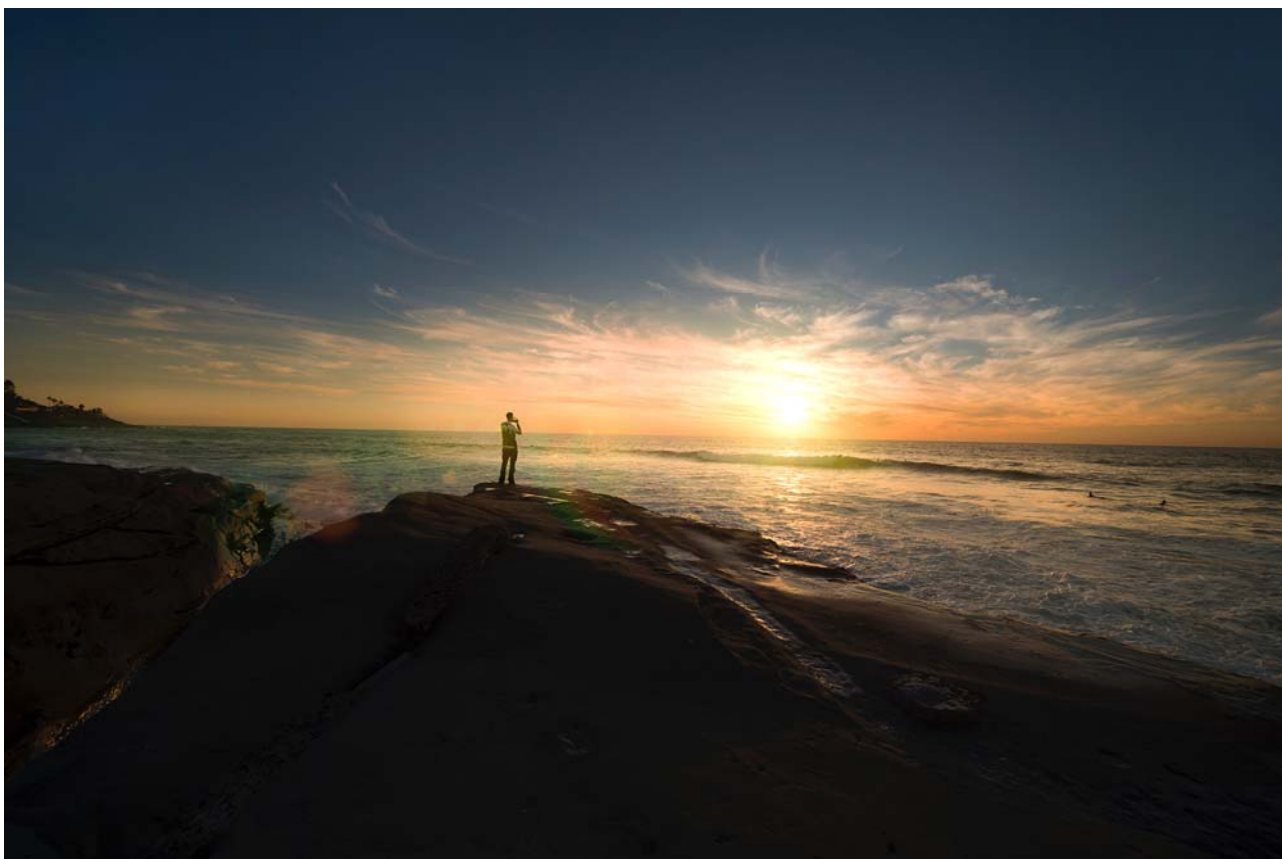
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170601_associazioni-familiari-cattoliche.html

© Copyright 2017 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO - SETEMBRO

(PT) Para que os políticos, os cientistas e os economistas trabalhem juntos pela proteção dos mares e dos oceanos.

(BR) Para que políticos, cientistas e economistas trabalhem juntos pela proteção dos mares e dos oceanos.



37. Alguns países fizeram progressos na conservação eficaz de certos lugares e áreas – na terra e nos oceanos –, proibindo aí toda a intervenção humana que possa modificar a sua fisionomia ou alterar a sua constituição original. No cuidado da biodiversidade, os especialistas insistem na necessidade de prestar uma especial atenção às áreas mais ricas em variedade de espécies, em espécies endémicas, raras ou com menor grau de efectiva protecção. Há lugares que requerem um cuidado particular pela sua enorme importância para o ecossistema mundial, ou que constituem significativas reservas de água assegurando assim outras formas de vida.

40. Os oceanos contêm não só a maior parte da água do planeta, mas também a maior parte da vasta variedade dos seres vivos, muitos deles ainda desconhecidos para nós e ameaçados por diversas causas. Além disso, a vida nos rios, lagos, mares e oceanos, que nutre grande parte da população mundial, é afectada pela extracção descontrolada dos recursos ictícos, que provoca drásticas diminuições dalgumas espécies. E no entanto continuam a desenvolver-se modalidades selectivas de pesca, que descartam grande parte das espécies apanhadas. Particularmente ameaçados estão organismos marinhos que não temos em consideração, como certas formas de plâncton que constituem um componente muito importante da cadeia alimentar marinha e de que dependem, em última instância, espécies que se utilizam para a alimentação humana.

41. Passando aos mares tropicais e subtropicais, encontramos os recifes de coral, que equivalem às grandes florestas da terra firme, porque abrigam cerca de um milhão de espécies, incluindo peixes, caranguejos, moluscos, esponjas, algas e outras. Hoje, muitos dos recifes de coral no mundo já são estéreis ou encontram-se num estado contínuo de declínio: «Quem transformou o maravilhoso mundo marinho em cemitérios subaquáticos despojados de vida e de cor?»[25] Este fenómeno deve-se, em grande parte, à poluição que chega ao mar resultante do desflorestamento, das monoculturas agrícolas, das descargas industriais e de métodos de pesca destrutivos, nomeadamente os que utilizam cianeto e dinamite. É agravado pelo aumento da temperatura dos oceanos. Tudo isso nos ajuda a compreender como qualquer acção sobre a natureza pode ter consequências que não advertimos à primeira vista e como certas formas de exploração de recursos se obtêm à custa duma degradação que acaba por chegar até ao fundo dos oceanos.

42. É preciso investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis de impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente. Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. Cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família, pelo que deve fazer um inventário cuidadoso das espécies que alberga a fim de desenvolver programas e estratégias de protecção, cuidando com particular solicitude das espécies em vias de extinção.

174. Mencionemos também o sistema de governança dos oceanos. Com efeito, embora tenha havido várias convenções internacionais e regionais, a fragmentação e a falta de severos mecanismos de regulamentação, controle e sanção acabam por minar todos os esforços. O problema crescente dos resíduos marinhos e da protecção das áreas marinhas para além das fronteiras nacionais continua a representar um desafio especial. Em definitivo, precisamos de um acordo sobre os regimes de governança para toda a gama dos chamados bens comuns globais.

CARTA ENCÍCLICA
LAUDATO SI'
Francisco
24 de Maio de 2015

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

© Copyright 2015 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO UNIVERSAL – OUTUBRO

Para que o sopro do Espírito Santo suscite uma nova primavera missionária na Igreja.



[...] O Espírito liberta os espíritos paralisados pelo medo. Vence as resistências. A quem se contenta com meias medidas, propõe ímpetus de doação. Dilata os corações mesquinhos. Impele ao serviço quem se desleixa na comodidade. Faz caminhar quem sente ter chegado. Faz sonhar quem sofre de tibia. Esta é a mudança do coração. Muitos prometem estações de mudança, novos começos, renovações portentosas, mas a experiência ensina que nenhuma tentativa terrena de mudar as coisas satisfaz plenamente o coração do homem. A mudança do Espírito é diferente: não revoluciona a vida ao nosso redor, mas muda o nosso coração; não nos livra dum momento para o outro dos problemas, mas liberta-nos *dentro* para os enfrentar; não nos dá tudo imediatamente, mas faz-nos caminhar confiantes, sem nos deixar jamais cansar da vida. O Espírito mantém jovem o coração, uma renovada juventude. A juventude, apesar de todas as tentativas para a prolongar, mais cedo ou mais tarde passa; ao contrário, é o Espírito que impede o único envelhecimento maléfico: o interior. E como faz? Renovando o coração, transformando-o de pecador em perdoado. Esta é a grande mudança: de culpados que éramos, faz-nos justos e assim tudo muda, porque, de escravos do pecado, tornamo-nos livres; de servos, filhos; de descartados, preciosos; de desanimados, esperançosos. Deste modo, o Espírito Santo faz renascer a alegria, assim faz florescer no coração a paz.

Por isso, aprendamos hoje o que devemos fazer, quando precisamos duma verdadeira mudança. E quem de nós não precisa? Sobretudo quando nos encontramos por terra, quando nos debatemos sob o peso da vida, quando as nossas fraquezas nos oprimem, quando avançar é difícil e amar parece impossível. Então servir-nos-ia um forte «reconstituente»: é Ele, a força de Deus. É Ele – como professamos no Credo - «que dá a vida». Como nos faria bem tomar diariamente este

reconstituente de vida! Dizer, ao acordar: «Vinde, Espírito Santo, vinde ao meu coração, vinde acompanhar o meu dia!»

Depois dos corações, o Espírito *muda as vicissitudes*. Como o vento sopra por todo o lado, assim Ele chega às situações mesmo as mais imprevistas. Nos Atos dos Apóstolos – um livro que necessitamos absolutamente de descobrir, onde é protagonista o Espírito – assistimos a um dinamismo contínuo, rico de surpresas. Quando os discípulos menos esperam, o Espírito envia-os aos pagãos. Abre caminhos novos, como no caso do diácono Filipe. O Espírito impele-o por uma estrada deserta, de Jerusalém a Gaza (como este nome soa doloroso, hoje! Que o Espírito mude os corações e as vicissitudes e dê paz à Terra Santa!). Naquela estrada, Filipe instrui o funcionário etíope e batiza-o; em seguida o Espírito leva-o a Azoto, depois a Cesareia: sempre em novas situações, para difundir a vida nova de Deus. Temos também Paulo, que, «obedecendo ao Espírito» (At 20, 22), viaja até aos últimos confins do mundo então conhecido, levando o Evangelho a populações que nunca tinha visto. Quando está presente o Espírito, acontece sempre qualquer coisa; quando Ele sopra, nunca há bonança, nunca.

Quando a vida das nossas comunidades atravessa períodos de «lassidão», em que se prefere a comodidade doméstica à vida nova de Deus, é um mau sinal. Quer dizer que se busca abrigo do vento do Espírito. Quando se vive para a autoconservação e não se vai ao encontro dos distantes, não é um bom sinal. O Espírito sopra, mas nós amainamos as velas. E todavia, muitas vezes O vimos realizar maravilhas! Muitas vezes, precisamente nos períodos mais escuros, o Espírito suscitou a santidade mais luminosa! Porque Ele é a alma da Igreja, sempre a reanima com a esperança, enche-a de alegria, fecunda-a de vida nova, dá-lhe rebentos de vida. Como na família, quando nasce uma criança, esta complica os horários, faz perder o sono, mas traz uma alegria que renova a vida, impelindo-a para a frente, dilatando-a no amor. Do mesmo modo o Espírito traz à Igreja um «sabor de infância». Realiza renascimentos contínuos. Reaviva o amor do começo. O Espírito lembra à Igreja que, não obstante os seus séculos de história, é sempre uma jovem de vinte anos, a Noiva jovem por quem está perdidamente apaixonado o Senhor. Não nos cansemos, então, de convidar o Espírito para os nossos ambientes, de O invocar antes das nossas atividades: «Vinde, Espírito Santo!»

Trará a sua força de mudança, uma força única que, por assim dizer, é ao mesmo tempo *centrípeta* e *centrífuga*. É *centrípeta*, isto é, impele para o centro, porque atua dentro do coração. Infunde unidade na fragmentação, paz nas aflições, fortaleza nas tentações. Assim no-lo recorda Paulo na Segunda Leitura, quando escreve que o fruto do Espírito é alegria, paz, fidelidade, autodomínio (cf. *Gal*/5, 22). O Espírito dá intimidade com Deus, a força interior para avançar. Mas, ao mesmo tempo, Ele é força *centrífuga*, isto é, impele para o exterior. Aquele que conduz ao centro é o Mesmo que envia para a periferia, rumo a toda a periferia humana; Aquele que nos revela Deus impele-nos para os irmãos. Envia, torna testemunhas e, para isso, infunde – escreve ainda Paulo – amor, benignidade, bondade, mansidão. Somente no Espírito Consolador proferimos palavras de vida e encorajamos verdadeiramente os outros. Quem vive segundo o Espírito permanece nesta tensão espiritual: encontra-se inclinado conjuntamente *para Deus* e *para o mundo*.

Peçamos-Lhe que nos faça assim. Espírito Santo, rajada de vento de Deus, soprai sobre nós. Soprai nos nossos corações e fazei-nos respirar a ternura do Pai. Soprai sobre a Igreja e impeli-a até aos últimos confins, para que, levada por Vós, nada mais leve senão Vós. Soprai sobre o mundo o suave calor da paz e a fresca restauração da esperança. Vinde, Espírito Santo, mudai-nos por dentro e renovai a face da terra. Amen.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE PENTECOSTES

Francisco

20 de maio de 2018

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html

© Copyright 2018 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO - NOVEMBRO

(PT) Para que no Próximo Oriente, no qual diversas tradições religiosas partilham o mesmo espaço de vida, nasça um espírito de diálogo, de encontro e de reconciliação.

(BR) Para que no Oriente Próximo, no qual diversas tradições religiosas compartilham o mesmo espaço de vida, nasça um espírito de diálogo, de encontro e de reconciliação.



É para mim motivo de alegria encontrar-vos hoje, durante a minha visita ao vosso país. Agradeço ao Senhor Presidente deste importante Departamento o cordial convite, que me dá ocasião de falar com líderes políticos e religiosos, muçulmanos e cristãos.

É tradição que os Papas, quando visitam os diversos países no desempenho da própria missão, encontrem também as autoridades e as comunidades de outras religiões. Sem esta abertura ao encontro e ao diálogo, uma visita papal não corresponderia plenamente às suas finalidades, tal como as entendo eu na esteira dos meus venerados Antecessores. Nesta perspectiva, recordo com prazer de modo especial o encontro que o Papa Bento XVI teve, neste mesmo local, em Novembro de 2006.

Na verdade, as boas relações e o diálogo entre líderes religiosos revestem-se de grande importância. Constituem uma mensagem clara dirigida às respectivas comunidades, manifestando que, apesar das diferenças, são possíveis o respeito mútuo e a amizade. Esta, além de ser um valor em si mesma, adquire significado especial e importância acrescida num tempo de crises como o nosso; crises que se tornam, em algumas áreas do mundo, verdadeiros dramas para populações inteiras.

Com efeito, há guerras que semeiam vítimas e destruições, tensões e conflitos interétnicos e inter-religiosos, fome e pobreza que afligem centenas de milhões de pessoas, danos ao meio ambiente, ao ar, à água, à terra.

Verdadeiramente trágica é a situação no Médio Oriente, especialmente no Iraque e na Síria. Todos sofrem com as consequências dos conflitos, e a situação humanitária é angustiante. Penso em tantas crianças, nos sofrimentos de tantas mães, nos idosos, nos deslocados e refugiados, nas violências de todo o género. Particularmente preocupante é o facto de que, sobretudo por causa de um grupo extremista e fundamentalista, comunidades inteiras – especialmente de cristãos e yazidis, mas não só – sofreram, e ainda sofrem, violências desumanas por causa da sua identidade étnica e religiosa. Foram expulsos à força das suas casas, tiveram de abandonar tudo para salvar a sua vida e não renegar a fé. A violência abateu-se também sobre edifícios sagrados, monumentos, símbolos religiosos e o património cultural, como se quisessem apagar todo o vestígio, qualquer memória do outro.

Como chefes religiosos, temos a obrigação de denunciar todas as violações da dignidade e dos direitos humanos. A vida humana, dom de Deus Criador, possui um carácter sagrado. Por isso, a violência que busca uma justificação religiosa merece a mais forte condenação, porque o Onnipotente é Deus da vida e da paz. O mundo espera, de todos aqueles que afirmam adorá-Lo, que sejam homens e mulheres de paz, capazes de viver como irmãos e irmãs, apesar das diferenças étnicas, religiosas, culturais ou ideológicas.

A denúncia deve ser acompanhada pelo trabalho comum para se encontrarem soluções adequadas. Isto requer a colaboração de todas as partes: governos, líderes políticos e religiosos, representantes da sociedade civil e todos os homens e mulheres de boa vontade. Em particular, os responsáveis das comunidades religiosas podem oferecer a valiosa contribuição dos valores presentes nas respectivas tradições. Nós, muçulmanos e cristãos, somos depositários de tesouros espirituais inestimáveis, entre os quais reconhecemos elementos de convergência, embora vividos segundo as tradições próprias: a adoração de Deus misericordioso, a referência ao patriarca Abraão, a oração, a esmola, o jejum... elementos que, vividos sinceramente, podem transformar a vida e dar uma base segura para a dignidade e a fraternidade dos homens. Reconhecer e desenvolver esta convergência espiritual – através do diálogo inter-religioso – ajuda-nos também a promover e defender, na sociedade, os valores morais, a paz e a liberdade (cf. João Paulo II, Discurso à comunidade católica de Ancara, 29 de Novembro de 1979). O reconhecimento conjunto da sacralidade da pessoa humana sustenta a compaixão comum, a solidariedade e a ajuda efectiva aos mais atribulados. A este respeito, queria exprimir o meu apreço por quanto está a fazer o povo turco inteiro, muçulmanos e cristãos, pelas centenas de milhares de pessoas que fogem dos seus países por causa dos conflitos. São dois milhões. Isto é um exemplo concreto de como trabalhar em conjunto para servir os outros, um exemplo que deve ser incentivado e apoiado.

Com satisfação, soube das boas relações e da cooperação entre o *Diyanet* e o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Espero que aquelas continuem e se consolidem para bem de todos, porque toda a iniciativa de diálogo autêntico é sinal de esperança para um mundo tão necessitado de paz, segurança e prosperidade. Na sequência do diálogo com o Senhor Presidente, faço votos de que este diálogo inter-religioso se torne criativo de novas formas.

Senhor Presidente, de novo exprimo a minha gratidão a Vossa Excelência e seus colaboradores por este encontro, que enche o meu coração de alegria. Além disso agradeço a todos vós pela vossa presença e pelas orações que tereis a bondade de oferecer pelo meu serviço. Pela minha parte, igualmente vos garanto que rezarei por vós. Que o Senhor nos abençoe a todos!

DISCURSO AO PRESIDENTE DOS ASSUNTOS RELIGIOSOS NO DIYANET
Francisco
28 de Novembro de 2014

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141128_turchia-presidenza-diyamet.html

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana

INTENÇÃO UNIVERSAL – DEZEMBRO

(PT) Para que cada país tome as medidas necessárias para fazer do futuro dos mais jovens uma prioridade, sobretudo daqueles que estão a sofrer.

(BR) Para que todos os países tomem as medidas necessárias para fazer com que seja uma prioridade o futuro dos mais jovens, sobretudo daqueles que sofrem.



1. Falamos com frequência de jovens sem nos deixarmos interpelar por eles. Quando alguém quer fazer uma campanha ou alguma coisa, ah, louvam os jovens!, não é assim?, mas não permitem que os jovens os interpelem. Louvar é uma maneira de contentar as pessoas. Mas as pessoas não são tontas nem estúpidas. Não, não o são. As pessoas compreendem. Só os estultos não compreendem. Em espanhol há um ditado lindíssimo que diz: "Louva o estúpido e vê-lo-ás trabalhar". Dar-lhe a palmadinha nas costas e ele ficará feliz, porque é tonto, não se dá conta. Mas vós não sois tontos! Até as melhores análises sobre o mundo juvenil, mesmo sendo úteis — são úteis — não substituem a *necessidade do encontro face a face*. Falam da juventude de hoje. Por curiosidade, vede em quantos artigos, em quantas conferências se fala da juventude de hoje. Gostaria de vos dizer uma coisa: a juventude não existe! Existem os jovens, histórias, rostos, olhares, ilusões. Existem jovens. Falar da juventude é fácil. Fazem-se abstrações, percentagens... Não. A tua face, o teu coração, o que diz? Dialogar, ouvir os jovens. Por vezes, evidentemente, vós não sois, os jovens não são o prémio Nobel para a prudência. Não. Por vezes falam "com a bofetada". A vida é assim, mas é preciso ouvi-los.

Há quem pense que seria mais fácil manter-vos "à distância de segurança", para não se sentirem provocados por vós. Mas não é suficiente trocar alguma pequena mensagem ou partilhar fotografias simpáticas. Os jovens devem ser levados a sério! Parece-me que estamos circundados por uma cultura que, se por um lado idolatra a juventude procurando nunca a fazer passar, por outro impede

que muitos jovens sejam protagonistas. É a filosofia da maquilhagem. As pessoas crescem e procuram pintar-se para parecerem mais jovens, mas não deixa crescer os jovens. Isto é muito comum. Porquê? Porque não se deixa que sejam interpelados. É importante. Muitas vezes sois marginalizados da vida pública normal e vedes-vos obrigados e mendigar ocupações que não vos garantem um futuro. Não sei se isto acontece em todos os vossos países, mas em muitos... Se não erro a taxa de desemprego juvenil aqui na Itália, dos 25 anos para cima, é de cerca de 35%. Noutro país da Europa, confinante com a Itália, de 47%. Noutro país da Europa próximo da Itália, mais de 50%. O que faz um jovem que não encontra trabalho? Adoece — a depressão — cai no desespero, cai nas dependências, suicida-se — devemos refletir: as estatísticas de suicídio juvenil estão todas alteradas, todas — faz o rebelde — mas é um modo de se suicidar — ou apanha o avião e vai para outra cidade que não quero mencionar e alista-se no EI ou num destes movimentos guerreiros. Pelo menos a vida tem sentido e terá um ordenado mensal. E isto é um pecado social! A sociedade é responsável por isto. Mas eu gostaria que fôsseis vós a dizer as causas, os porquês, e não digais: "Nem sequer eu sei bem porquê". Como viveis vós este drama? Ajudar-nos-ia muito. Demasiadas vezes sois deixados sozinhos. Mas também é verdade que sois construtores de cultura, com o vosso estilo e com a vossa originalidade. É um afastamento relativo, porque vós sois capazes de construir uma cultura que talvez não se veja, mas que vai em frente. Este é um espaço que nós queremos para ouvir a vossa cultura, a que estais a construir.

Na Igreja — disto estou convicto — não deve ser assim: fechar a porta, não ouvir. O Evangelho no-lo pede: a sua mensagem de proximidade convida a encontrar-nos e a confrontar-nos, a acolher-nos e a amar-nos a sério, a caminhar juntos e a partilhar sem receio. E esta Reunião pré-sinodal pretende ser sinal de algo grandioso: a vontade da Igreja de se colocar em escuta de todos os jovens, sem excluir nenhum. E isto não para fazer política. Não para uma artificial "jovem-filia", não, mas porque precisamos de compreender melhor o que Deus e a história nos estão a pedir. Se vós faltardes, falta-nos uma parte do acesso a Deus.

2. O próximo Sínodo propõe-se em particular desenvolver as condições para que os jovens sejam *acompanhados* com paixão e competência *no discernimento vocacional*, ou seja, em «reconhecer e acolher a chamada ao amor e à vida em plenitude» (*Documento preparatório*, Introdução). Todos nós recebemos esta chamada. Vós, na fase inicial, sois jovens. Esta é a certeza fundamental: Deus ama todos e a cada um dirige pessoalmente uma chamada. É um dom que, quando o descobrimos, enche de alegria (cf. *Mt 13*, 44-46). Tende a certeza disto: Deus tem confiança em vós, ama-vos e chama-vos. E por seu lado ele nunca faltará, porque é fiel e crê deveras em vós. Deus é fiel. Aos crentes digo: "Deus é fiel". Dirige-vos a pergunta que certa vez fez aos primeiros discípulos: «O que procurais?» (*Jo 1*, 38). Também eu, neste momento, vos dirijo a pergunta, a cada um de vós: "O que procuras? Tu, o que procuras na tua vida?". Di-lo, far-nos-á bem ouvi-lo. Di-lo. Precisamos que o faças: ouvir o vosso caminho na vida. O que procuras? Convida-vos a partilhar a busca da vida com Ele, a caminhar juntos. E nós, desejamos fazer o mesmo, porque não podemos deixar de partilhar com entusiasmo a busca da verdadeira alegria de cada um; e não podemos conservar só para nós Aquele que mudou a nossa vida: Jesus. Os vossos coetâneos e os vossos amigos, mesmo sem o saberem, esperam também eles uma chamada de salvação.

DISCURSO POR OCASIÃO DA REUNIÃO PRÉ-SINODAL COM OS JOVENS
NO PONTIFÍCIO COLÉGIO INTERNACIONAL
"MARIA MATER ECCLESIAE"
Francisco
19 de março de 2018

Consulte a mensagem completa:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/march/documents/papa-francesco_20180319_visita-pcimme.html

© Copyright 2018 - Libreria Editrice Vaticana